

# PRESENTE, CLASSE E LITERATURA: NOTAS SOBRE O VALOR LITERÁRIO DE *ESSA GENTE*, DE CHICO BUARQUE

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i40p186-198>

**Alexandre Pilati**

## RESUMO

Este breve ensaio propõe uma leitura crítica livre do romance *Essa gente*, de Chico Buarque. A obra, lançada em novembro de 2019, apresenta, como marcas distintivas de sua singularidade ficcional o tratamento de fatos praticamente contemporâneos ao tempo de sua escrita, a recuperação de procedimentos estéticos típicos da ficção precedente do autor e alguns recursos narrativos muito específicos. Na contramão da recepção mais comum da obra, que lhe atribui como valor central a documentação crítica da aparência do presente, o ensaio propõe a análise de traços formais característicos do romance que possibilitam perceber que seu valor estético tem mais a ver com a explicitação de movimentos basais da dinâmica histórica e social brasileira. Para isso, são abordados como elementos da obra pregressa de Chico Buarque que comparecem em *Essa gente*: a condensação, o onirismo desperto, a “identificação desidentificada”, a metalinguagem ativa. Como elementos específicos da obra discutem-se: a violência como mediação primaz de relações entre os personagens, os recortes de classe e o papel do narrador mediador fracassado, a estrutura de diário disfarçado através de fragmentação e multiplicidade de gêneros mimetizados, além do comentário de canções brasileiras.

**PALAVRAS-CHAVE:** literatura brasileira contemporânea; literatura e sociedade; Chico Buarque

## ABSTRACT

This brief essay proposes a free critical reading of the novel *Essa gente*, by Chico Buarque. The work, released in November 2019, presents, as distinctive marks of its fictional singularity, the presentation of facts practically contemporary to the time of its writing, the recovery of aesthetic procedures that are typical of the author's previous fiction and some very specific narrative resources. Contrary to most common reception of the work, which attributes its central value to the critical documentation of the appearance of the present, the essay proposes the analysis of formal features of the novel that make it possible to perceive that its aesthetic value has more to do with the explanation of basis movements of Brazilian historical and social dynamics. To this end, elements of Chico Buarque's previous work that appear in *Essa gente* are addressed: condensation, awakened oneirism, "disidentified identification", active metalanguage. The following are discussed as specific elements of the work: violence as the primary mediation of relationships between characters, class outlines and the role of the failed mediator narrator, the structure of a disguised diary through fragmentation and multiplicity of mimicked genres, in addition to the commentary of Brazilian songs.

KEYWORDS: Cotemporary Brazilian; literature and society; Chico Buarque

## 1. Tema para a crítica do valor literário

**E**ste ensaio é uma tentativa de interpretação de *Essa gente*, romance de Chico Buarque, publicado pela primeira vez em 2019. A estrutura do romance contempla um mosaico de textos: trechos de diário, notícias, cartas, telefonemas e é centrado na figura do escritor decadente Manuel Duarte. A nota mais curiosa da narrativa é a maneira como o autor se vale de ferramentas já consagradas na sua ficção para apresentar um depoimento crítico sobre o Brasil do presente, cindido ideologicamente e despedaçado socialmente pela emergência do neofascismo e alimentado pela última voga neoliberal, que agudiza as contradições sociais em uma situação de país periférico. Além dessa face explicitamente social, o romance parece empenhar-se em ser um comentário agudo sobre a literatura e a cultura brasileira dos últimos tempos.

Para o estudioso da literatura, o romance suscita algumas questões instigantes: Pode a literatura dar conta do caráter de emergência que o momento político exige, sem esmaecer a sua função histórica de longo curso? Inclinar-se a tal emergência, nesse sentido, beneficia o alcance estético do texto? Como depor, em chave artística sobre o presente, sem deprimir a força estética de uma obra? Essas são algumas das questões que nos inquietam quanto à forma de *Essa gente*, as quais iremos tentar discutir aqui de modo muito livre. O referente crítico mais decisivo para essa apuração do calor estético da obra encontra-se no conceito de “função total”, conforme delineado por Antonio Candido em “Estímulos da criação

literária”<sup>1</sup>. Também nos inspiramos na discussão proposta por Edu Teruki Otsuka no artigo “Estrutura, função e valor na obra de Antonio Candido”<sup>2</sup>, que desenvolve a avaliação do problema do valor no exercício da crítica literária, considerando alguns elementos da nossa contemporaneidade literária. Uma das hipóteses de nosso ensaio é que *Essa gente* contribui para a discussão crítica do valor das obras literárias através da organização de alguns de seus elementos propriamente estéticos. A nosso ver, a análise desses elementos poderá levar à constatação de que o valor do romance se deve à sua reação incômoda ao modo como a literatura se relaciona com a realidade, que, no contemporâneo, tende a um modelo de reflexo mecânico quando de trata de obras “função social” (CANDIDO, 2006) proeminente.

## 2. Crítica do presentismo

*Essa gente* propõe ao seu leitor ao menos um desafio inicial: interpretar o livro de um autor experiente, consagrado pela crítica e pelo público e conhecedor dos mecanismos que a literatura usa para se constituir como fato estético, como fato de comunicação, de interpretação do mundo, de expressão e de diálogo com um público amplo, considerando o caráter de mercadoria da arte. Tudo isso nos leva, talvez de modo inescapável, a abordar a obra considerando a trajetória do seu autor. Ao mesmo tempo, precisamos considerar que o autor experiente aqui está assumindo o desafio relativamente novo que, todavia, caracteriza parte da literatura contemporânea: comentar, com certa urgência, o presente.

Percebe-se, em várias obras da literatura brasileira contemporânea, uma tal urgência em depor sobre a conjuntura imediata em que estamos mergulhados. *Essa gente* é um romance que também realiza esse movimento. Todavia, o romance possui um andamento alternativo, que acaba resultando em problematização, com

---

<sup>1</sup> De acordo com Candido (2006, p. 53): “A função total deriva da elaboração de um sistema simbólico, que transmite certa visão do mundo por meio de instrumentos expressivos adequados. Ela exprime representações individuais e sociais que transcendem a situação imediata, inscrevendo-se no patrimônio do grupo.”

<sup>2</sup> Para Otsuka (2019, p. 23), o problema contemporâneo do valor das obras literária remete a “questões que envolvem, por exemplo, a origem de classe dos artistas, a autenticidade social da voz enunciativa, a tomada de posição diante da segregação social e racial, e o questionamento de critérios de legitimação artística das obras, dado que os critérios tradicionais em geral supõem padrões estabelecidos na tradição erudita e alguma concepção de autonomia das obras.”

viés irônico, dessa mesma urgência da literatura contemporânea. O romance todo parece constituir-se em chave de ironia; e, salvo engano, um vetor dessa ironia é também dirigido à ânsia ou ao compromisso que a literatura contemporânea se impõe: comentar a quente o presente, sem distanciamento histórico.

Em *Essa gente* parece existir uma linha narrativa basilar, que tem a ver com tal consistência irônica que se dirige à urgência de comentário do presente nas obras de arte. A esse respeito, vejamos, por exemplo, como é feita a referência temporal à última entrada do “diário caótico” que é o romance, datada do dia 29 de setembro de 2020<sup>3</sup>. *Essa Gente* é lançado oficialmente em 09 de novembro de 2020, menos de 60 dias depois da última referência a data presente no romance. Trata-se, portanto, quase de um romance “ao vivo”, o que certamente põe em cena o problema da urgência em relação ao presente e a consequente indisponibilidade de distanciamento histórico, em geral tão importante para se deslindar a leis gerais de uma época através da arte narrativa.

Desse modo, *Essa Gente* é armado com ferramentas literárias que foram amadurecidas por Chico em obras anteriores, as quais são colocadas agora a serviço de uma melhor adesão ao tempo presente para a proposição de um gesto de reconfiguração estética dessa dinâmica histórica. Isto é, não se trata apenas de retratar pura e simplesmente tal dinâmica histórica, como se fosse possível colar simplesmente elementos de ordem documental, factual e literal nas obras literárias. Ao contrário, valeria pensar a relação da obra com o seu presente considerando que os elementos documentais não são o lastro definitivo de seu valor literário, embora chamem atenção, em chave negativa, para a relação do obra com o mercado editorial nacional. Assim, o autor cria o universo ficcional de *Essa Gente* explicitamente como uma forma de reconfiguração do presente, de tal maneira que o documental e o factual sejam ingredientes da integridade estética da obra. Todavia, ao que parece, não são tais elementos o fiel da balança da sua integridade estética.

*Essa Gente*, pois, é uma obra importante, não porque trata de questões quase que imediatas, observado o fio que liga do tempo em que o romance é

---

<sup>3</sup> A entrada intitula-se “Escritor encontrado morto em apartamento no Leblon” e é a reprodução de uma nota de jornal com breve informação sobre as circunstâncias da morte do escritor Manuel Duarte. (BUARQUE, 2019, p. 189).

escrito aos fatos cotidianos do Brasil do século XXI a que ele se refere. A configuração estética, em sentido amplo, alcança valor devido ao manejo de uma série de outros elementos, entre os quais se acha a atenção urgente ao presente, que, por sua vez, é aparentemente tratada de forma irônica. Assim configura-se o que podemos chamar de crítica do “presenteísmo”, que foi usado como valor de mercado para vender a obra, como se pode verificar no início da sinopse disponível no site da editora<sup>4</sup>.

### 3. Ferramentas ficcionais buarqueanas

Lembremos, portanto, algumas das ferramentas ficcionais da obra ficcional anterior de Chico Buarque para apurar com justeza a relevância literária de *Essa Gente*.

Uma das primeiras, a **condensação**, que se verifica na composição das cenas, na construção de sequências narrativas, na ordenação do tempo narrativo, na elaboração dos diálogos, na construção do perfil das personagens. Em todos esses casos são utilizadas diretrizes de composição condensada, que é típica do autor. A condensação de elementos de origens às vezes díspares faz com que o romance seja, ao mesmo tempo, muito engraçado e muito sério, triste e grave. A tonalidade da sátira, que banha toda a obra, atravessa elementos voltados para o humor, para o sério e até para o trágico. O resultado disso é uma dicção híbrida, típica da narrativa buarqueana que intensifica o caráter de crítica social da obra e de autoproblematização do fato literário.

A segunda ferramenta muito típica do Chico Buarque é o uso do monólogo interior, através da famosa técnica que o próprio autor nomeou de **onirismo desperto**, combinação de delírio e de vigília. Em diversos trechos da narrativa, por exemplo, a técnica do onirismo desperto, dá muita liberdade ao narrador, para

---

<sup>4</sup> O primeiro parágrafo da sinopse é revelador desse apelo ao “presenteísmo”: “Um escritor decadente enfrenta uma crise financeira e afetiva enquanto o Rio de Janeiro colapsa à sua volta. Tragicomédia urgente, o novo romance de Chico Buarque é a primeira obra literária de vulto a encarar o Brasil do agora”. (Disponível em: [https://www.companhiadasletras.com.br/livro/9788535932959/essa-gente?idtag=c7625f0a-7620-45f8-9798-3593f7e505e5&gad\\_source=1&gclid=Cj0KCQjwz7C2BhDkARIsAA\\_SZKYA9pQs43auSdh6l-GiuTD1mrBbBkambD6gOekoJYQhdX7sNDwUhVQaAnNOEALw\\_wcB](https://www.companhiadasletras.com.br/livro/9788535932959/essa-gente?idtag=c7625f0a-7620-45f8-9798-3593f7e505e5&gad_source=1&gclid=Cj0KCQjwz7C2BhDkARIsAA_SZKYA9pQs43auSdh6l-GiuTD1mrBbBkambD6gOekoJYQhdX7sNDwUhVQaAnNOEALw_wcB). Acesso em: 26/08/2024)

criar e revelar traços ideológicos das personagens. Na entrada do dia “25 de fevereiro de 2019”<sup>5</sup> encontramos um trecho do narrador que mostra a disposição do uso desse recurso na obra. Ele diz: “também existe a categoria dos sonhos lúcidos, quando você sabe que o sonho é sonho, mas não consegue ver a saída”. A frase parece emblemática da característica da função estética e crítica do discurso narrativo da vertigem desperta. Isto é, o sujeito consegue perceber que o vivido é delírio. Entretanto, o sujeito não consegue ver a saída dessa condição cognitiva. Chico Buarque, portanto, induz o leitor a interpretar o texto segundo essas coordenadas, o que parece ser condizente com o desejo de lançar mão de uma problematizadora da situação social presente, que se assemelha, tanto aos olhos de leitores quanto de personagens, a um pesadelo.

Outra ferramenta é a construção do personagem central como uma espécie de “alter ego torto” do autor. Alguns resenhistas de primeira hora, recolhendo da sugestão da sinopse distribuída pela editora Cia. das Letras, anotaram a semelhança sonora entre os nomes Duarte e Buarque, bem como fato desse personagem ser alguém adepto de caminhadas peripatéticas. O alter ego é torto especialmente pelo fato de que ele se constrói através de certas técnicas de desidentificação, que afastam o protagonista do leitor, com função crítica. A desidentificação, no caso específico, é interessante, porque, talvez mais que outros protagonistas anteriores de Chico, Manuel Duarte exibe uma espécie de espelhamento distorcido da sua própria personalidade, o que não deixa de constituir também um olhar irônico sobre determinada classe de artistas, à qual o próprio romancista pertence. Trata-se de uma desidentificação que se dá através da decadência física e econômica, da impossibilidade de manutenção de um relacionamento sentimental conjugal, da decadência literária. O personagem é caracterizado por certa inaptidão para a vida adulta, aderindo completamente aos códigos ideológicos e procedimentos sociais da classe a que pertence. Contudo, trata-se de movimento de mão dupla: por um lado, ele é portador da ideologia da classe dominante; por outro, apresenta distanciamento dela, através de elementos que, de alguma maneira, diferenciam o personagem da classe a que pertence e, por isso mesmo, em certa medida, o humanizam. Por isso, o personagem não corre o

---

<sup>5</sup> BUARQUE, 2019, p. 53.

risco de ser pura e simplesmente uma caricatura da classe dominante, ou do escritor de classe média alta malsucedido. Duarte, portanto, é alguém que flutua entre adesão/compartilhamento e refutação/distanciamento.

Outra ferramenta é a moldura irônica, na qual se enquadra toda vida brasileira, e através da qual se realiza a relação entre tempos (passado e presente) do país. Em *Essa Gente* existem dois pontos que distintivos do que chamamos de moldura irônica, em que se realiza o elo presente e passado, propondo o processo social de constituição da nação para análise do leitor. Um primeiro ponto é a relação do momento presente com a Bossa Nova e as promessas que a Bossa Nova carregava dentro da sua própria forma estética: a maneira como o Brasil do futuro se anunciava já no presente, “uma manhã, tão bonita manhã”. Outro ponto refere-se à relação com o *Eunuco do Passo Real*, título do romance de Manoel Duarte, que fez sucesso e o projetou como um grande escritor brasileiro contemporâneo. Dentro de *Essa Gente* o romance estabelece a ponte entre o passado colonial e um presente com características assemelhadas.

Uma última ferramenta é o que se poderia chamar de **metalinguagem ativa**, ou dialógica, pois a obra conversa com outras artes, outras referências, gêneros textuais, obras do próprio autor e que é socialmente empenhada. Trata-se de um dobrar-se criticamente sobre a função da arte na sociedade, algo que está tanto em episódios específicos quanto no conjunto geral da arquitetura do romance. Essa ferramenta será melhor observada após a visão de conjunto das especificidades do romance.

#### 4. Especificidades composicionais de *Essa gente*

Podemos seguir agora para a apresentação de alguns elementos bastante característicos da especificidade estética de *Essa Gente*. O primeiro elemento a se destacar é a presença aguda da **violência como mediação praticamente única das relações sociais**. A esse título, note-se que os personagens do romance se relacionam uns com os outros basicamente por mediações que têm a ver com a violência social com marcas muito fortes de classe e de raça. Por exemplo, a violência doméstica que está sugerida na relação entre os personagens Agenor e a



Rebeca. Num recorte mais explícito, lembre-se o espancamento do mendigo pelo personagem Fúlvio Castelo Branco, que ocorre junto ao muro de um clube para ricos, do linchamento do cuidador de cães e depois a sua morte brutal. São também referências à atmosfera de violência partilhada por todos na sociedade a menção a decreto presidencial que libera a posse de armas para o cidadão comum, a estátua dourada do líder neofascista com boné de general e faixa presidencial e, é claro, própria morte de Manoel Duarte.

Enfim, algumas dessas referências violências são documentos do Brasil contemporâneo. Outras não são reais, mas são ficcionalmente plausíveis e coerentes com certo estado de desagregação que é um ambiente propício para que as relações sociais sejam mediadas preferencialmente pela violência. A desagregação social revelada na obra tem, ao mesmo tempo como causa e resultado a atmosfera de violência, o ar que nutre *Essa gente*.

Como emblema dessa atmosfera, vale a pena lembrar em registro do diário do dia 9 de abril de 2017. Quando Duarte refere-se a suas amantes, ele afirma, à guisa de conclusão: “Existe mesmo um misterioso elo entre compaixão e perversidade”<sup>6</sup>. Essa frase é definidora de traços da especificidade das relações sociais do Brasil que, de alguma maneira, afloram em momentos de crise. O personagem crê ser natural o “misterioso elo entre compaixão e perversidade” que precisa ser exercitado como liga da relação entre classes no Brasil.

Outro elemento da composição de *Essa gente* que contribui para a eficácia estética do todo é a faixa social em que o romance se concentra. Predominantemente, os personagens configuram um conjunto de pessoas bem-postas na vida. Trata-se da classe a que o narrador pertencia até há pouco tempo. Sua decadência vai, aos poucos, configurando-o como mediador entre dois espaços ou entre matérias sociais distintas. Há uma disposição de que o autor construa o seu personagem **protagonista como mediador**. Entretanto, a ideia de que possa haver efetivamente mediação, nos termos do que fora possível ao romance moderno, é negada pela própria narrativa, que, em alguma medida, nos apresenta o enredo de um fracasso.

---

<sup>6</sup> BUARQUE, 2019, p.18.

O personagem não consegue compor seu novo romance e, portanto, não consegue atuar como mediador entre a vida que representam, numa ponta da sociedade, por exemplo, os negros castrados e, na outra, por exemplo, os personagens Fúlvio Castelo Branco, Rosane, Napoleão. A possibilidade de realizar essa mediação não está na mão desse escritor decadente; mas está na mão do autor problematizar tal impossibilidade. É fundamental considerar, pois, que há um autor que organiza as coisas e que atesta que o narrador, enquanto mediador de uma certa relação entre as classes, fracassa. Aqui estamos diante da distinção entre a perspectiva da obra e a do narrador, tão importante para o que o romance de Chico Buarque depõe acerca da problematização do lugar da arte na sociedade contemporânea. Considerando essa dicotomia, alguns comentadores de primeira hora do romance caracterizaram-na “uma narrativa carente de qualquer perspectiva redentora”<sup>7</sup>.

Ajuda na percepção dessa dimensão política da obra a organização literária de seus trechos, remetendo o leitor a uma estrutura de “diário disfarçado”. Não se trata apenas de um diário, porque é uma coleção, um arquivo. Existem textos que não pertencem a Manuel Duarte, e alguns tão pouco se referem a ele. Por isso, parece pertinente dizer que temos acesso não à ficcionalização de um diário, mas à ficcionalização de um arquivo com marcas de entrada em forma de diário, as quais distinguem uma autoria de arquivista, que atua acima do protagonista enquanto narrador. Tomada assim, a organização do autor-arquivista coloca as coisas de tal maneira que elas não se referem apenas a Duarte, mas também a nós que vivemos Brasil contemporâneo e também talvez ao que esteja configurado num futuro próximo.

Em termos objetivos, há entradas, por exemplo, em terceira pessoa sobre Duarte, que poderiam ser uma espécie de ensaio, um exercício de metalinguagem crítica sobre a noção de autoficção. Existem ainda trechos da ficção relacionada aos negros castrados do Vidigal e da Babilônia, que podem ser o romance iniciado e tentativa de aclimação daquela narrativa bem-sucedida do Manoel Duarte em

---

<sup>7</sup> Ver a esse respeito a resenha de Leonardo Otávio Belinelli de Brito. Disponível em: <https://revistaescuta.wordpress.com/2019/11/20/essa-gente-de-chico-buarque/>. Acesso em: 26/08/2024.

Eunuco do Passo Real para a realidade presente. Tais entradas, que datam de 2016, aparecem, talvez como a ficção frustrada de Duarte. Além disso há entradas com conversas telefônicas, reportagens, cartas que não são nem escritas pelo Duarte nem a ele endereçadas.

De fato, é uma armação muito complexa, com uma costura muito sutil do problema da literatura com problema da vida contemporânea brasileira, atravessada pela cisão de classes e raça. Se o escritor Manuel Duarte não consegue dar sentido a sua interpretação do presente e fracassa, reiteramos: há um autor sobre ele, um arquivista que consegue propor o problema como potência de inteligibilidade social de maneira forte.

Por fim, vale ressaltar que *Essa Gente* também é uma narrativa em que a arte e a literatura são temas centrais e ajudam a compor o olhar crítico para a realidade. Não se trata pura e simplesmente de metalinguagem ou de um dialogismo que flutua na dimensão pura e simples do texto ou dos códigos artísticos. O comentário à arte feito pelo romance considera-a no contexto das tensões sociais. Veja-se, por exemplo, como é curiosa a maneira como o personagem Fúlvio Castelo Branco tenta ajudar o protagonista agenciando a narrativa para um filme americano afirmando: “escreva pensando num filme de ação”. Somos remetidos aqui à tensão entre arte e mercadoria tão importante para a literatura contemporânea tão reveladora do tratamento do que seja artístico em *Essa gente*.

Cabe ressaltar, por exemplo, que o romance escrito 11 anos antes pelo Manuel Duarte é reeditado com uma justificativa que exhibe as contradições específicas da função social da arte no contemporâneo e sua relação com o mercado. Certo dia toca a campainha o editor com um contrato para Duarte assinar com a justificativa: “tendo em vista o crescente sentimento monárquico do país será reeditado o Eunuco do Passo Real em edição de luxo”. A decadência de Duarte é salva de algum modo (ao menos em termos financeiros) pelo aprofundamento dela mesma. O autor vê-se à beira do abismo Brasil, mas com dinheiro no bolso. A partir dessas menções a mercado literário e indústria cultural, com foco especial para música, arte erudita, arte popular, Bossa Nova, MPB, direciona-se o

comentário crítico, ficcional e não meramente factual ao presente, o grande desafio que, como dissemos, *Essa gente* enfrenta.

Ao que parece, a matéria que o romance deseja tocar é a mesma enfocada pelo diagnóstico de Roberto Schwarz a respeito das semelhanças e diferenças entre a política nacional em 1964 e em 1918:

Cinquenta anos atrás, quem marchava com Deus, pela família e a propriedade, eram os preteridos pela modernização, representativos do Brasil antigo, que lutava para não desaparecer, mesmo sendo vencedor. É como se a vitória da direita, com seu baú de ideias obsoletas, não bastasse para desmentir a tendência favorável da história. Apesar da derrota do campo adiantado, continuava possível — assim parecia — apostar no trabalho do tempo e na existência do progresso e do futuro. Ao passo que o neo-atraso do bolsonarismo, igualmente escandaloso, é de outro tipo e está longe de ser dessueto. A deslaicização da política, a teologia da prosperidade, as armas de fogo na vida civil, o ataque aos radares nas estradas, o ódio aos trabalhadores organizados etc. não são velharias nem são de outro tempo. São antissociais, mas nasceram no terreno da sociedade contemporânea, no vácuo deixado pela falência do Estado. *É bem possível que estejam em nosso futuro, caso em que os ultrapassados seríamos nós, os esclarecidos*. Sem esquecer que os faróis da modernidade mundial perderam muito de sua luz.<sup>8</sup>

A trajetória de Manuel Duarte, da maneira como é configurada por Chico Buarque, não apenas testemunha e documenta esse tempo, mas dá forma exigente à relação dele com a constituição histórica do país, o que é garantia do valor

---

<sup>8</sup> SCHWARZ, 2019, p. 329-330 (grifo nosso).

literário da obra como crítica da vida. Tudo pesado, ao que parece, a pergunta que ressoa ao final da obra é: “não seríamos nós, os esclarecidos, os representantes do passado”? Ajudar a elaborar essa pergunta é tarefa alcançada pela função total da obra.

## REFERÊNCIAS

- BERGAMO, Edvaldo e ROJAS, Juan Pedro. *Candido, Schwarz & Alvim: a crítica literária dialética no Brasil*. São Paulo: Intermeios, 2019. pp. 23-37.
- BRITO, Leonardo Octavio Belineli de. “*Essa gente*, de Chico Buarque”. Disponível em: <https://revistaescuta.wordpress.com/2019/11/20/essa-gente-de-chico-buarque/>. Acesso em: 26/08/2024.
- BUARQUE, Chico. *Essa gente*. São Paulo: Cia. das Letras, 2019.
- CANDIDO, Antonio. “Estímulos da Criação Literária”. In: *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- NESTROVSKI, Arthur. “Pequeno grande romance escrito por Chico Buarque resume o estado do país”. *Folha de S. Paulo*. 8. nov. 2019.
- OTSUKA, Edu Teruki. “Estrutura, função e valor na obra de Antonio Candido”. In: SCHWARZ, Roberto. “Cultura e política agora”. In: *Seja como for: entrevistas, retratos e documentos*. São Paulo: Duas Cidades/34, 2019. pp: 327-331.

**Alexandre Pilati** é Professor Associado IV do Departamento de Teoria Literária e Literaturas da UnB. Membro do Programa de Pós-Graduação em Literatura (POSLIT/UnB) e do Grupo de Pesquisa Literatura e Modernidade Periférica. E-mail: [alexandrePilati@unb.br](mailto:alexandrePilati@unb.br)